



ORIENTE MÉDIO

Trump bloqueia Ormuz e aumenta tensão regional

Presidente dos EUA anuncia que navios terão que pagar 20% sobre o valor da carga transportada para cruzarem estreito. Chanceler iraniano ridiculariza medida, e Teerã ameaça países do Golfo. Forças americanas voltam a bombardear o Irã

» RODRIGO CRAVEIRO

Horas antes de o Exército dos EUA lançar a terceira noite consecutiva de bombardeios contra o Irã, o presidente norte-americano, Donald Trump, anunciou a retomada do bloqueio ao Estreito de Ormuz. “O Estreito de Ormuz está aberto, e permanecerá aberto, com ou sem o Irã. Estamos reimpondo o bloqueio iraniano — assim chamado porque impede apenas que navios ou clientes do Irã entrem ou saiam”, escreveu em sua plataforma Truth Social. “Todos os outros países terão acesso justo e livre ao Estreito. Os EUA serão, daqui em diante, conhecidos como ‘os guardiões do Estreito de Ormuz’. No entanto, por uma questão de justiça, seremos reembolsados — à taxa de 20% sobre toda a carga transportada — por quaisquer custos necessários para garantir a segurança e a proteção desta região extremamente volátil do mundo.”

O ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, debochou de Trump e avisou que Teerã cobraria um pedágio mais barato. “Quem quer que garanta a passagem segura dos navios deveria receber uma compensação. O Irã sempre foi o guardião do estreito e seguirá sendo. Obviamente 20% é demais. Seremos justos”, escreveu. O regime iraniano avisou que não aceitará interferência na região. Os Emirados Árabes Unidos denunciaram que dois navios-tanque foram atingidos por mísseis em Ormuz. Um tripulante morreu.

Em visita a São Paulo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou a política da Casa Branca para o Estreito de Ormuz. “Trump disse que vai desobstruir (Ormuz). Mas, para cada navio que ele desobstruir, o dono do petróleo terá que pagar 20%. Isso antigamente se chamava ‘pirataria’. Um Estado importante, como os EUA, que acho que durante muito tempo combateu a pirataria, não pode agora virar pirata”, declarou.

Bradley Martin — capitão aposentado da Marinha dos EUA e pesquisador da RAND Corporation — afirmou ao **Correio** que a atuação dos EUA como garantidores da livre navegação nos espaços comuns globais não é um papel novo. “No entanto, tomar controle de um estreito internacional e cobrar taxas representa uma expansão e pode levantar questionamentos sobre a credibilidade do país, caso o trânsito no canal sofra interrupções. Também é incomum que uma nação ‘assuma o controle’ de uma área oceânica situada longe demais de seu próprio litoral”, explicou.

Martin aposta que os iranianos claramente não aceitarão tal arranjo. “Trump, sem dúvida, sabe disso. Não significa que o Irã fará algo diferente do que tem feito: perturbar a navegação no Estreito de

AFP



Embarcações navegam perto do Estreito de Ormuz, ao largo da costa leste dos Emirados Árabes Unidos, na altura de Khor Fakkan

Mensagem à “nação”

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou que fará um pronunciamento à nação no horário nobre de quinta-feira. O discurso terá início às 22h (pelo horário de Brasília). O republicano não deu detalhes sobre o tema do pronunciamento, e a Casa Branca não respondeu a um pedido de mais informações feito pela agência France-Presse. O último grande discurso televisonado de Trump à nação foi em 1º de abril, quando fez sua primeira justificativa pública sobre a guerra com o Irã, que começou em 28 de fevereiro com os bombardeios israelenses-americanos. Neste discurso, o mandatário expôs seus argumentos a favor de um conflito que disparou os preços do petróleo e fez com que seus índices de aprovação despencassem.

Ormuz sempre que sentir que as negociações estão fracassando ou para afirmar a própria soberania”, destacou. “Sinceramente, não acredito que essa ação vá ter grande impacto, seja de que forma for”

Por sua vez, Kristian Coates Ulrichsen, especialista em Golfo Pérsico pela Universidade Rice (em Houston, Texas), disse à reportagem ter “dificuldade” em imaginar que o plano

Eu acho...

Arquivo pessoal



"A intervenção do presidente é uma tentativa de aumentar a pressão sobre o Irã e de tentar retomar a iniciativa na disputa de narrativas e de vontade política em torno do memorando de entendimento assinado em junho. Uma das falhas do memorando era a ausência de detalhes específicos sobre os mecanismos de implementação, e essa mesma deficiência é evidente nas declarações do presidente a respeito da taxa."

KRISTIAN COATES ULRICHSEN, especialista em Golfo Pérsico pela Universidade Rice (em Houston, Texas)

Arquivo pessoal



"É difícil imaginar que as tensões no Estreito de Ormuz possam ser muito maiores do que são agora. Na prática, o estreito está fechado no momento, por isso é improvável que isso piore muito a situação, mas certamente cria um precedente e altera os termos da discussão. É difícil imaginar, neste momento, que o estreito retome o comércio livre e aberto como ocorria antes do fim de fevereiro. É pouco provável que surja algo positivo desse anúncio."

IAN RALBY, CEO da I.R. Consilium (em Maryland, EUA), que oferece consultoria e assistência em segurança marítima

de Trump de cobrar a taxa de 20% sobre as cargas que passam pelo Estreito de Ormuz tem alguma chance de tornar-se realidade. “Isso, sobretudo, pelo precedente que tal medida abriria. É improvável que parceiros regionais dos EUA apoiem essa ação. Além disso, autoridades do alto escalão dos EUA têm afirmado que tal pedágio é inadmissível”, lembrou.

Uma das maiores autoridades em direito e segurança marítima, Ian Ralby explicou ao **Correio** que o bloqueio sobre o Estreito de Ormuz indica que o memorando de entendimento assinado em 18 de junho não está mais em vigor. “O anúncio de que os EUA passarão a cobrar uma taxa de 20% de todas as embarcações que transitam pelo estreito, a fim de serem

reembolsados pela ‘proteção’ que oferecem, não foi bem recebido pelo setor de transporte marítimo”, admitiu.

Ralby reiterou que todos os navios atacados na semana passada estavam sob proteção americana. “Como o Irã não está cobrando taxas nem atacando navios que transitam pelo corredor iraniano, muitos se perguntam qual seria o benefício dessa proteção dos EUA. Mesmo quando o Irã cobrava taxas, os valores eram muito inferiores aos que os EUA propõem.” Um navio-tanque de petróleo bruto teria que desembolsar US\$ 30 milhões. “Considerando que o valor cobrado supera a margem de lucro da maioria das viagens completas, do ponto de vista comercial esse anúncio não faz sentido”, concluiu Ralby, CEO da I.R.

Consilium (em Maryland, EUA), empresa que oferece consultoria e assistência em segurança marítima.

Ataques

Na noite de ontem, explosões foram reportadas em Bandar Abbas, ao sul do Estreito de Ormuz, nas Ilhas Kish e Qeshm, e em Jam, na província de Bushehr. “Esses ataques continuarão impondo um alto custo às forças iranianas e reduzindo sua capacidade de atacar civis inocentes e o transporte marítimo comercial no Estreito de Ormuz”, informou o Comando Central americano, acrescentando que os bombardeios começaram à 0h15 desta terça-feira pelo horário local (17h45 em Brasília).

Marcello Casaljr/Wikipedia



Ex-presidente do Irã teria se reunido com chefe do Mossad

Complô com Ahmadinejad

O ex-presidente iraniano Mahmud Ahmadinejad teria sido consultado pelo governo de Israel para fazer parte de um complô voltado a derrubar o regime teocrático islâmico. A revelação foi feita pelo *The New York Times*, que soube do plano por meio de duas autoridades norte-americanas. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, esperava reconduzir Ahmadinejad ao poder em Teerã, mas a conspiração fracassou. De acordo com o jornal norte-americano, a Hungria convidou o ex-líder do Irã a uma conferência sobre mudanças climáticas em Budapeste, dois anos atrás.

Gergely Deli, reitor da Universidade Ludovika de Serviço Público, recebeu uma solicitação de um integrante do governo húngaro para que convidasse Ahmadinejad, sob a justificativa de que o ex-presidente teria um encontro com agentes do Mossad, o serviço de inteligência israelense. O próprio Deli concordou em convidar Ahmadinejad, apesar de riscos à sua reputação e à imagem da universidade. Ele disse ao *NY Times* acreditar que, “se você tem dois inimigos e eles querem conversar entre si, o melhor a fazer é o possível para que conversem”.

Uma segunda reunião entre Ahmadinejad e agentes secretos de Israel teria ocorrido em junho de 2025, também em Budapeste, pouco antes de forças israelenses realizarem uma campanha de 12 dias de bombardeios contra o território iraniano. O governo de Netanyahu teria bancado os bilhetes aéreos e a hospedagem de Ahmadinejad. O jornal israelense *Haaretz* citou, ontem, que a Inteligência Militar de Israel mostrou ceticismo em relação ao plano do Mossad por entender que seria inútil antever movimentos políticos dentro do regime do Irã em tempos de caos.

Ahadinejad estaria cumprindo prisão domiciliar depois que o braço da Inteligência da Guarda Revolucionária Iraniana — espinha dorsal do regime dos aiatolás — soube de encontros dele com o então chefe do Mossad, David Barnea, e com outras autoridades israelenses.

ESTADOS UNIDOS

Colombiano morre em operação do ICE

Era por volta de 7h30 pelo horário de Biddeford, Maine (8h30 em Brasília), quando o arquiteto Daniel Boucher, 71 anos, escutou um som parecido com fogos de artifício. Achou estranho e desceu, correndo, as escadas de casa até a rua. “Vi o carro do ICE (a polícia da Imigração) tentando cercar um sedã branco menor. O sedã seguiu em direção à esquina onde moro. O ICE, então, bateu novamente contra o carro branco”, contou ao **Correio**. “Os agentes abriram a porta do motorista e o puxaram para fora. Sua cabeça e seu

rosto estavam cobertos de sangue. Tentaram uma ressuscitação cardiopulmonar, mas ele morreu. Pude ver sua barriga parando de se mexer. Depois, vi o agente do ICE que atirou nele passar por mim, a cerca de seis metros de distância, enquanto um colega o consolava. E disse a ele o que pensava sobre aquilo, e ele me respondeu que a vítima ‘tinha tentado atropelá-lo’. Foi muito traumático”, acrescentou Boucher, para quem o ICE é “uma organização racista pária”.

O incidente que levou à morte de Joan Sebastian Guerrero, um

colombiano de 26 anos e pai de uma menina de três anos, provocou uma onda de protestos na cidade de 22,5 mil habitantes. As circunstâncias do assassinato estão sob investigação. De acordo com o gabinete do procurador-geral do Maine, um agente do ICE realizava uma operação para cumprir uma ordem definitiva de expulsão dos EUA “quando o indivíduo tentou fugir em um veículo na direção do oficial e foi abatido”. O jornal local *Portland Press Herald*, no entanto, divulgou que Guerrero não era o alvo da operação do ICE.

“Foi terrível”

Vizinho de Guerrero, o guatemalteco Nelson Elias relatou ao **Correio** que escutou seis disparos na manhã de ontem. “Saí de casa para ver o que tinha acontecido. Eu o vi estirado na rua. Sua esposa e sua filha estavam ali, chorando, inconsoláveis”, disse. “Foi terrível de se ver, porque ele era meu vizinho e eu o via com frequência. Era uma pessoa muito tranquila e calada. Creio que Joan estava focado em fazer seu trabalho e em cuidar da família.” (Rodrigo Craveiro)

Joseph Prezioso/AFP



Agentes do FBI trabalham no local do incidente, em Biddeford (Maine)